

Problemas linguísticos dos judeus no Brasil.

O esboço de um ensaio que submeto à apreciação do leitor pretende despertar interesse por um problema cuja importância tem sido geralmente subestimada. Dada a íntima relação entre o pensamento e a língua, creio que a situação linguística do judeu no Brasil clama por uma investigação. Os nossos pensamentos são frases de uma dada língua, mesmo quando não articulados. Pensar significa falar baixo. A estrutura da língua, (aquilo vulgarmente chamado de "gramática"), informa todos os nossos pensamentos. Os nossos pensamentos são, por sua vez, a "realidade" dentro da qual estamos mergulhados. A nossa "realidade" é portanto pré-formada e pré-formulada pela nossa língua. Com efeito, participamos de uma "realidade", porque participamos de uma comunidade linguística. A nossa participação da conversação que representa uma comunidade linguística é portanto anterior a qualquer outra comunidade à qual porventura pertencemos. Um indivíduo pode não ter família, religião, nacionalidade ou estado social, pode ser um "outsider" em todos estes sentidos, mas para ser um indivíduo humano é preciso que participe de uma comunidade linguística. Este "engagement" linguístico é primordial de um ponto de vista epistemológico, (sem ele o indivíduo não conhece nada), e de um ponto de vista ontológico, (sem ele o indivíduo não é).

Os que participam da mesma língua, participam da mesma "realidade". Os políglotas participam de diversas "realidades", ("viver mais vezes"). É, entretanto, problemático o políglotismo. É problemática a participação de diversas línguas. Surge o problema da primazia da língua materna, o problema da tradução "interna", (em que língua penso, em que língua sonho, em que língua conto?), e surge um certo ceticismo quanto à "realidade" que cada língua individual representa. O políglota tende para o relativismo, para o "dégagement", para a isolação, enfim para aquilo que os pensadores existenciais chamam de "situação de fronteira". Cada políglota é um filósofo "malgré lui".

Os judeus (em qualquer significado que queiramos dar a este conceito) tendem, como indivíduos e como grupo, para o políglotismo, e tendem para ele de uma maneira bizarra. Na Europa oriental falavam essa língua híbrida que é o idich e que representa uma amalgamação de línguas inassimiláveis como as germânicas, e slavas e semíticas. Na Europa ocidental falavam línguas marginais, permeadas de maneirismos e vocábulos exóticos. A famosa ironia judaica é sintoma do seu políglotismo latente. Ironia significa "dégagement" e distância. O políglotismo

mo latente dos judeus, problematização da "realidade" que é, favorece a ironia. Na minha opinião um estudo da mentalidade judaica deveria começar por um estudo fenomenológico do idich e dos maneirismos judeus no alemão, francês, tcheco etc. Ao que me consta esse estudo está ainda por ser feito.

O imigrante judeu chega ao Brasil munido de seu poliglottismo latente ou patente. O judeu oriental (Ostjude) abriga no seu intelecto, além do idich, destros de línguas eslavas e daquilo que ele considera, ingenuamente, ser alemão. O judeu ocidental (Westjude) possui, via de regra, conhecimentos de diversas línguas além da sua língua materna maneirizada "à la juive". Ambos possuem noções rudimentares ou atávicas do hebráico. Em consequência apreende falar português com relativa facilidade. Esta própria facilidade é um problema. Ao imigrante não-judeu o português oferece um obstáculo formidável. Levanta-se diante dele com toda a sua dureza. Deve ser tomado a sério com toda a sua "realidade" abismal que o português, como toda língua, esconde. Muito imigrante não-judeu é vencido por essa barreira. Para o imigrante judeu a "realidade" abismal contida na língua portuguesa é velada pela própria facilidade com a qual ele a assimila superficialmente. Surge, automaticamente, aquele desprezo que o intelecto sente por tudo que é fácil. Surge portanto um clima dentro do qual a penetração da "realidade" portuguesa é paradoxalmente dificultada pela facilidade de sua assimilação. É exigida do imigrante judeu uma humildade e uma disciplina mental face ao português da qual somente as melhores mentes são capazes.

Com o surgir da segunda geração, dos filhos do imigrante, o problema assume proporções virulentas. A barreira linguística separa, doravante, as gerações e corta os laços familiares. A segunda geração participa da conversação portuguesa, mas participa dela a título precário. O seu português é deturpado pelas incursões do pseudo-português falado por seus pais. Face aos pais a segunda geração representa a "realidade" brasileira, face ao ambiente representa um marginalismo. Vistos a partir dos pais os filhos participam de uma "realidade" fundamentalmente incompreensível com normas éticas e estéticas estranhas. A comunicação com essa "realidade" é possível somente pelo método da tradução, cheio de dificuldades e malentendidos. A vida familiar empobrece intelectualmente e ameaça reduzir-se àqueles elementos pré-intelectuais chamados vulgarmente de "laços sentimentais". No seio da família judaica no Brasil assume a tradução um papel primordial e desvenda o seu aspecto vivencial de maneira bru-

tal e imediata.

A terceira geração, na medida<sup>em</sup> que já existe, tende a colocar-se em posição vagamente correspondente com a posição dos judeus da Europa ocidental. Fala um português levemente maneirizado. Os seus problemas linguísticos são os da segunda geração, embora atenuados. Por serem atenuados, são muito menos concientes. Dada a tendência da mente humana de recalcar problemas, são essas dificuldades reprimidas pela terceira geração a ponto de tornarem-se invisíveis. Nem por isso desaparecem. Por terem sido recalçadas, e em analogia com a Europa ocidental, é de esperar que esta situação se perpetue nas gerações vindouras.

A situação dos descendentes do imigrante não-judeu é diferente. A barreira entre as primeiras duas gerações é mais violenta. Essa própria barreira facilita a integração da segunda geração no ambiente. A terceira geração é portanto absorvida sem vestígios e recalques. O português, o espanhol e o italiano, já originalmente participante de uma "realidade" próxima da brasileira, é absorvido com facilidade, e o próprio alemão, polones etc. é digerido rapidamente. O judeu com seu maneirismo representa um desafio à "realidade" brasileira em expansão, que é a língua portuguesa falada no Brasil. Este desafio é de grande atração intelectual e representa, como todo desafio, o germe de uma possível evolução criadora.

O momento histórico no qual ocorreu o grosso da imigração judaica, isto é a primeira metade do século 20, é um momento crítico para a "realidade" brasileira. Até inclusive o século 19 era o português falado no Brasil uma língua quase exclusivamente latina, influenciada tão somente por elementos de línguas demasiadamente exóticas, (como as índias e bantu) para serem organicamente e significativamente assimiladas. No século 20 surge o impacto das demais línguas européias, (para não falarmos de japones). O resultado é a expansão da língua portuguesa de maneira explosiva, cujos primeiros resultados palpáveis começamos a sentir. A "realidade" brasileira expande-se de forma muito mais acentuada de que a "realidade" americana um tanto paralela, e surge uma nova civilização e cultura. Sabemos quão profundamente o maneirismo judeu influenciou a língua americana, a ponto de parecer o inglês americano permeado pelo aroma judeu, se comparado com o inglês da Inglaterra. Um desenvolvimento correspondente com o português brasileiro oferece possibilidades ainda mais surpreendentes. O desafio está lançado e depende da fle-

xibilidade e plasticidade criadora dos espíritos empenhados na conversação brasileira, judeus e não-judeus, como será desenvolvido. Ser judeu no Brasil neste momento, e ser parceiro de conversação com um judeu no Brasil neste momento, é portanto uma aventura intelectual criadora.

O pensamento existencial tornou intelectualmente mais acessível a situação absurda do homem em face do mundo, dentro do qual está jogado. Esta absurdidade transparece claramente ao considerarmos a língua. A língua é, toda ela, um único esforço absurdo do homem de superar-se a si mesmo. A posição excêntrica do judeu em geral, e do judeu brasileiro em particular, dentro do tecido da língua, faz com que o judeu seja especialmente conciente da absurdidade da condição humana. É neste sentido absurdo que somos autorizados a dizer que os intelectos judeus representam elos, pontes entre as línguas, entre as realidades que são as línguas. Com seu poliglotismo bizarro são os intelectos judeus "fazedores de pontes", pontífices portanto. Os judeus são esforços de traduções vivas. Eis uma possibilidade de interpretar a frase: "Sejais um povo de sacerdotes". Via de regra trata-se, evidentemente, de traduções falhas e superficiais. Excepcionalmente surge uma tradução válida e criadora. A realidade brasileira em sua expansão violenta está faminta de traduções neste sentido. Necessita de pontes e de fazedores de pontes. Em alemão as palavras "ponte" e "ruptura" ("Bruecke" e "Bruch") são etimologicamente, portanto ontologicamente, próximas. Dos judeus no Brasil é exigida uma ruptura para servirem de ponte. É uma tarefa sumamente difícil, mas alguns possivelmente a alcançarão. O presente esboço, sumário e um tanto "engagé", é uma tentativa modesta de visualizar a tarefa.